

## **A Responsabilidade da Meiji Gakuin durante e após a Guerra: A Confissão**

Perante Tu, Senhor Deus, no quinquagésimo aniversário da derrota do Japão na Guerra, eu aqui confesso o pecado que foi o envolvimento da Meiji Gakuin na última guerra, e reconheço as nossas faltas perante os povos da Coreia, China e de outros países.

Na aproximação do quinquagésimo aniversário da derrota do Japão a natureza desastrosa da última guerra está, com a passagem do tempo, a emergir em maior detalhe e está longe de se desvanecer da nossa memória. As feridas da Guerra – a experiência do “mulheres para conforto”, as vivisseccões levadas a cabo pela Brigada de Experimentação Bioquímica 731 – estas feridas são ainda extremamente reais, e os seus sobreviventes e as famílias deles ainda hoje sofrem todos os dias.

As vítimas dos crimes de guerra japoneses incluem cidadãos de muitos países. No reflexo do que acontecia no Japão, a Meiji Gakuin não podia deixar de estar envolvida na guerra, ainda que tenha sido fundada em nome do amor a Jesus.

Ainda que seja verdade que as escolas privadas tinham uma posição fraca em relação ao poder do Estado, a Meiji Gakuin tinha preservado o Espírito dos Fundadores da “Educação baseada no Cristianismo” através da sua distinta história. Todavia não temos desculpa perante o nosso Senhor Jesus Cristo pela culpa que a Meiji Gakuin carrega pelo envolvimento nessa guerra de invasão.

É óbvio que nós, geração posteriores, que não experimentámos as durezas desse tempo, não temos o direito de atirar a primeira pedra aos senhores da guerra dessa altura. É desnecessário dizer que só Nosso Senhor tem o direito de julgá-los e às respectivas organizações. No entanto, estamos em posição de ter um conhecimento melhor e mais profundo da natureza catastrófica da guerra através do crescente número de testemunhos das vítimas da invasão e da opressão e dos mártires, podendo então estarmos em muito melhor posição do que os líderes da altura para ver os factos objectivamente. Por esta razão devemos confessar perante o Senhor os pecados cometidos pelos líderes desse tempo e reconhecer as nossas faltas às vítimas. A razão para fazer isso não é castigar os líderes mas assegurar que nós próprios não cometeremos erros semelhantes.

Na sequência do Incidente da Manchúria em 1931 e o começo da guerra Sino-japonesa em 1937, o Governo aprovou a Lei das Organizações Religiosas em 1939, na base da qual foi estabelecida, em Junho de 1941, a Igreja Unida de Cristo no Japão (UCCJ – Nihon Kirisuto Kyodan) de maneira a reforçar a cooperação das organizações religiosas com a política do Estado. O Reverendo Mitsuru Tomita, o chefe executivo da UCCJ (Tori), visitou o Templo (Shintoísta) de Ise e fez com que Cristãos Coreanos visitassem o Templo (Shintoísta) de Pyongyang em 1938. Não há dúvida que este acto levou muitos Cristãos Coreanos ao martírio, e criou uma grande cisão entre Cristãos Coreanos e Japoneses. Muitos seminários na Coreia e em Taiwan enfrentaram uma crise grave tendo por base o culto nos templos shintoístas. Tomita foi o Presidente do “*Board of Trustees*” da Meiji Gakuin por alguns anos durante e depois da guerra.

Tsuraki Yano, que se tornou Reitor da Meiji Gakuin em 1939, era um apoiante entusiástico de práticas como fazer vénias na direcção do Palácio Imperial, visitar o Templo (Shintoísta) de Yasukuni e mostrar reverência diante do Retrato da Família Real. Ele permaneceu em funções por

algum tempo após o fim da guerra, sem nunca confessar publicamente os pecados dele ao Senhor. Meiji Gakuin até hoje nunca confessou publicamente estes pecados perante o Senhor ou reconheceu as suas culpas aos povos dos países que foram invadidos pelo Japão. Tomita e outros ocupavam as posições mais elevadas na Igreja Unida de Cristo no Japão (UCCJ) quando pediram doações para os planos de combate sob o slogan “Voa Avião UCCJ!” e quando o seu jornal oficial (Kyodan Jiho) em nome da associação chamou pela obediência incondicional dos Cristãos ao Estado Imperial, anunciando que “o sacrifício pelo país é equivalente ao martírio”. Mesmo que tomemos em atenção a dificuldade, o ambiente totalitário daqueles tempos, e as lutas dos líderes, sob forte pressão, para manter a organização da igreja, nós não podemos negar o facto de que eles estiveram envolvidos em crimes cometidos pelo Estado-Nação do Japão, os quais trouxeram o sofrimento já mencionado. Quando penso nos estudantes recrutados que foram enviados para lutar debaixo destas circunstâncias e envolvidos numa guerra de invasão, eu não posso deixar de sentir uma profunda tristeza como Professor e Reitor. Para além disso, isto faz-me também perceber o grande sofrimento mental dos Professores da altura que mandavam para a frente de batalha pessoas tão jovens, incluindo estudantes da Coreia e Taiwan. É óbvio que os líderes da Universidade deviam ter reflectido acerca da sua conduta, confessado os seus pecados e reconhecido as suas faltas após a “derrota” japonesa na guerra, quando o Senhor tinha mostrado o julgamento Dele.

No entanto, nunca houve nenhum testemunho público de arrependimento ou desculpa após a guerra. Ao contrário, a ideia de rezar pelo “espírito dos Japoneses” que morreram na guerra, como se de “heróis de guerra” se tratassem, não desapareceu da Meiji Gakuin.

Joji Tagami, um membro do “*Board of Trustees*”, cujo papel foi e é proteger o Espírito dos Fundadores da Meiji Gakuin, sugeriu com ênfase, contudo, que o Governo visitasse os templos dos “heróis de guerra”. Isto é uma evidência que a Meiji Gakuin continuou após a guerra a ser associada ao mesmo pecado que Tomita cometeu durante a guerra, nomeadamente o de cultivar a imagem dos mortos como deuses, “o culto dos ídolos” que é o pecado mas ultrajado pelo Nosso Senhor, que se revelou a nós na Bíblia.

Desta maneira a “responsabilidade da guerra” está directamente ligada à confissão da “responsabilidade na pós-guerra”. Até estas questões serem resolvidas, a Meiji Gakuin não será capaz de encontrar o seu caminho para o futuro.

Olhando hoje para a história da Meiji Gakuin durante a guerra, cinquenta anos depois da derrota do Japão, nós podemos encontrar um raio de esperança de que existiram estudantes com boa consciência como Shin Hasegawa. A angústia dele ao ser enviado para a frente de batalha e o seu espírito de independência do “Estado Imperial” sugere a direcção futura que deve ser tomada pela Meiji Gakuin, a qual é baseada só nos ensinamentos de Jesus Cristo. Eu gostaria de acreditar que existiram mais do que alguns estudantes que lutaram para viver a vida como ele viveu a dele.

Ao olhar para o séc. XXI e ao reafirmar o Espírito dos Fundadores, a Meiji Gakuin deve seguir não na “larga estrada” prosseguida por Tomita, Yano e os outros mas sim a “estreita estrada” percorrida por Hasegawa, ao tempo um estudante. Tal como a ideia de “sacrifício pela nação” está-se novamente a espalhar na sociedade Japonesa moderna com o Japão a começar a enviar tropas para fora do país sob a fina denominação de “contribuição internacional”, eu não posso deixar de sentir um sentimento de perigo de que os mortos serão novamente venerados como “heróis de guerra”. Primeiro nós devemos considerar profundamente a responsabilidade desta Universidade

durante e após a guerra, fazer uma confissão pela mesma perante Nosso Senhor Jesus e torná-la pública. Ao reconhecermos as nossas faltas perante os povos dos países arrastados para a terrível guerra, nós podemos ousar encontrarmo-nos com esta era, podendo sermos “sem culpa e inocentes, crianças de Deus sem culpa no meio de uma geração desonesta e perversa, no meio da qual (nós) brilhamos como estrelas no Mundo” (Philip. 2:15).

Nós fazemos esta confissão ao Nosso Senhor Deus e expressamos o nosso remorso àqueles que foram vítimas da guerra, podendo assim a Meiji Gakuin fazer maiores esforços para criar a verdadeira paz em Jesus Cristo.

Hiromasa Nakayama

O Reitor, Meiji Gakuin

No Quinquagésimo Aniversário da Derrota do Japão na Guerra

Junho 1995